

ENTRE NÓS: UM EXPERIMENTO DE ESCRITA ENTRE MULHERES TRAMADO PELA POTÊNCIA ERÓTICA

Maria Carolina Scartezini Cruz¹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

É possível criar, pelo meio da escrita, um corpo de mulher *consagrado à outra coisa que não à dominação* (RANCIÉRE, 2010)? E a qual outra coisa? Que afetos devem ser invocados como *paixões inapropriadas* (RANCIÉRE, 2010) à situação de dominação para que a escrita de uma mulher se liberte desse tipo de armadilha? O que acontece entre as escritas e as mulheres quando estas e aquelas se encontram pelas tramas da ficção num ritual de magia literária? É possível que um trabalho de divulgação cultural seja um meio através do qual Eros trespasse a escrita para testar a *eficácia* (STENGERS, 2008) de poemas em que mulheres amam mulheres na proliferação de escritas mulheres? Neste artigo, busco chegar a uma *realização experimental* (STENGERS, 2017) na qual estas perguntas sejam postas à prova ao chamar para pensar junto, numa prática de escrita participativa, as potências eróticas manifestas nas escritas de Safo de Lesbos, Virginia Woolf (2007), Sophia de Mello Breyner Andresen (2015), Audre Lorde (1984), Adrienne Rich (2003) e Starhawk (1999). Não pretendo chegar a respostas conclusivas para estes questionamentos, mas sim tramar para que este experimento funcione como uma *indução* (STENGERS, DESPRET, et al. 2014) capaz de suscitar outras perguntas e outras escritas.

Palavras-chave: Mulheres poetas. Potências lesboeróticas. Arte participativa. Divulgação cultural.

Abstract:

Is it possible to create, through writing, a woman's body consecrated to something other than domination (RANCIÉRE, 2010)? And to what else? What affects should be invoked as inappropriate passions (RANCIÉRE, 2010) to the situation of domination in order for a woman's writing to break free of this kind of trap? What happens between writings and women when they meet through the fabrics of fiction in a ritual of literary magic? Is it possible for a work on cultural divulgation to be a milieu by which Eros could pierce the writing to test the *efficacy* (Stengers, 2008) of poems in which women love women in the proliferation of women's writings? In this article, I seek to reach an *experimental achievement* (STENGERS, 2017) in which these questions are put to the test by calling to think together, in a participatory writing practice, the erotic powers manifested in the writings of Sappho, Virginia Woolf (2007), Sophia de Mello Breyner Andresen, Audre Lorde (1984), Adrienne Rich (2003) and Starhawk (1999). I do not intend to come up with conclusive answers to these questions, but rather to make this experiment work as an *induction* (STENGERS, DESPRET, et al. 2014) capable of raising other questions and writings.

Keywords: Women poets. Lesboerotism. Participatory writing. Cultural divulgation.

Introdução: afetos entre os fragmentos de Safo e a divulgação cultural

como o vento que se abate sobre os carvalhos na montanha/ [Eros me trespasa] (Fragmento de Safo de Lesbos, in: BRASIL FONTES, 2003, p. 407).

¹ Bolsista Capes (nº 1766617/2018) no Mestrado de Divulgação Científica e Cultural (MDCC) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/IEL/Unicamp). Concluiu o bacharelado em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da mesma universidade e é licenciada em Artes pelo Unicentro Belas Artes de São Paulo.

Trespasada pela potência erótica, a poesia de Safo de Lesbos (séc. XII a.C.), embora quase completamente² reduzida a fragmentos dispersos pelos corpos corroídos de antigos papiros e cacos de cerâmica, teve o poder de atravessar mais de dois milênios urdindo suas tramas pelo meio da ficção (DEJEAN, 1989). Diversos corpos e diversas paixões foram atribuídos à poeta, cujo corpo primeiro, bem como as paixões que podem ter dado origem aos seus poemas, permanecem um enigma indecifrável, porém, bastante ressoante – vem se propagando desde poemas, tratados, dramaturgias e imagens do período clássico até os movimentos lésbicos contemporâneos (ALMEIDA; HEILBORN, 2008, p. 231).

No presente trabalho, busco experimentar uma possibilidade de *versão* (STENGERS, DESPRET et al., 2014) dessa propagação num tipo de ritual de magia literária, que é também um ato de arte participativa³, ao qual tenho chamado de corporreativação. Nestes rituais, inspirados por práticas mágicas transmitidas pela bruxa Starhawk (1999), um grupo de mulheres é convidado a experimentar a literalidade de dar corpo a um poema de uma das poetisas parceiras da pesquisa. Propõe-se que isso se faça através da repetição oral coletiva simultânea à escrita de palavras que compõem o poema a ser invocado. Cada palavra é dita pela bruxa invocadora, que sabe o poema de cor, e repetida continuamente pelas demais bruxas, que podem fazer isso falando, sussurrando, cantando, gritando, murmurando... Ao mesmo tempo, todas as mulheres-em-devir-bruxa envolvidas entregam-se à escrita das palavras invocadas sobre as peles umas das outras. Ao final do experimento, o poema invocado é dito e reverberado pelos corpos de todas as participantes.

² Um único de seus poemas, a Ode ou Hino à Afrodite, chegou até nós sem nenhuma lacuna e apenas outros três poemas nos parecem quase completos. Todo o resto do vasto corpo que há registro de que compunha os nove livros da edição alexandrina das obras completas da poeta chegou até nós na forma de ruínas. Muitos devem ter desaparecido por completo.

³ Uso o termo “arte participativa” de acordo com os estudos desenvolvidos durante disciplina (Sigla) sobre Cultura da Participação, cursada como quesito para integralização do programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC/Labjor/IEL/Unicamp) e ministrada pelo artista, à época, doutorando do Instituto de Artes da mesma universidade, André Sarturi. Neste contexto, entende-se por participativa a arte onde o público tem exatamente o mesmo poder que a(o) artista proponente de afetar a obra de arte, que sequer ganha existência sem as ações de todas(os) as(os) participantes envolvidas(os).



Imagem 1. Entre nós. Fotógrafa: Tatiana Plens.

O principal objetivo dessa prática é chegar a uma *realização experimental* (STENGERS, 2017) na qual possa ocorrer uma espécie de cura dos corpos de todas as mulheres e poemas envolvidos, uma corporreativação, ou seja, uma *reativação* (STENGERS, 2017) pelo meio do corpo. Essa realização experimental pode permitir ainda que outros poemas de outras poetisas se propaguem, trespassados pelas potências lesboeróticas.

1. Reativar: afetos entre a cura, a magia e a política

Em seu ensaio *Reclaiming Animism* (2012), traduzido para o português como *Reativar o animismo* (2017), Isabelle Stengers convida para pensar junto com ela o nome mágico dado por Starhawk – escritora e ativista, autora do manual de práticas mágicas *The Spiral dance* (1999) que me serve como guia nos rituais que tenho conduzido – e o coletivo de bruxas fundadoras à tradição de bruxaria criada por elas na Califórnia, na década de 1970: *Reclaiming* (STARHAWK, 1999, p. 5). Em inglês, o verbo *to reclaim* é bastante polissêmico e carrega consigo sentidos que permeiam e entrelaçam magia, política e cura⁴, justamente as três áreas de atuação que são mais focadas nos trabalhos do coletivo de bruxas mencionado e nos das outras bruxas que praticam esta tradição pelo mundo⁵. Assim, o ato de reativar também acontece no *agenciamento* – como proposto por Deleuze e Guattari e explicado por Stengers (2008, 2012, 2017) – entre estas três potências. Magia, política e cura se tocam, se afetam, se transformam. Segundo Stengers:

⁴ Para uma explicação aprofundada a respeito desse verbo em inglês e da escolha da tradutora Jamille Pinheiro Dias pelo verbo reativar em português, ver nota de rodapé escrita por ela na pág. 8 (STENGERS, 2017).

⁵ Para saber mais sobre a tradição Reclaiming e as bruxas que a praticam, consultar o site internacional da comunidade <<https://reclaiming.org/>> e a página do coletivo no Brasil <<https://reclaimingbrasil.com/>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas. Deve-se regenerar os meios envenenados, assim como muitas de nossas palavras, aquelas que – como ‘animismo’ e ‘magia’ – trazem com elas o poder de nos tornar reféns: você realmente acredita em...? (STENGERS, 2017, p. 8)

Trago aqui este conceito de Stengers para tentar ajudar o grupo de mulheres reunido para a realização deste ritual de magia literária a experimentar uma reativação de seus próprios corpos de modo a fazer deles algo *consagrado a outra coisa que no sea la dominación*⁶, como propõe Rancière ao expor os paradoxos entre a arte e política (RANCIÈRE, 2010, p. 64). Parto com Adrienne Rich (2003) e Silvia Federici (2017) do pressuposto de que é pelo meio do corpo das mulheres que as assimetrias de poder que as oprimem se estabelecem com maior violência para tentar controlá-las e submetê-las. Porém, não separo, como também não o fazem as autoras com quem estou pensando, o corpo das emoções, dos pensamentos, das crenças e das ações das mulheres, pois entendo que todas essas instâncias estão constantemente inter-relacionadas e o que afeta uma delas, afeta todas as outras. Assim, uma cura através da reativação do corpo pode ser também uma cura emocional, intelectual, espiritual e política.

2. Pelo meio do corpo: afetos entre a pele e o papel

Pensando num jeito de reativar a ideia de dar corpo à escrita, especificamente um corpo de mulher consagrado à outra coisa que não seja a dominação, e levando em conta que para que um ritual de bruxaria realize plenamente sua *eficácia* (STENGERS, 2008) é necessário que as bruxas possam se divertir durante o trabalho mágico para que consigam atingir o estado de consciência no qual a magia se faz possível, estado este que Starhawk (1999) chama de transe, decidi que o experimento de magia literária seria mais potente e prazeroso se, ao invés de tentar experimentar sozinha, convidasse um grupo de mulheres⁷ dispostas a devir *bruxas da palavra*⁸ (HORTA, 1983, s/p) comigo.

⁶ “consagrado a outra coisa que não seja a dominação”. Todas as traduções do espanhol e do inglês para o português são minhas.

⁷ Tenho trabalhado com um pequeno grupo fixo de bruxas pesquisadoras chamado Coven das Graças e, a cada nova realização, mais mulheres que acabaram espontaneamente tomando conhecimento da pesquisa pelo contato com alguma participante dos rituais anteriores têm se juntado a nós. No Edicc 6, o ritual foi realizado dentro do contexto de uma oficina de escrita participativa.

⁸ “Não há nada que a nossa voz não abra /Nós somos as bruxas da palavra”. *Anjos Mulheres – VI*. Maria Teresa Horta.

Assim, desde a primeira vez que este ritual foi celebrado, pequenos grupos de mulheres se reuniram, voluntariamente, apenas pelo prazer de estarem juntas e o desejo de compartilharem um ato de cura amorosa umas com as outras. Dessa forma, estabelecemos em conjunto que, ao invés de cada uma dar o seu próprio corpo à escrita escrevendo em si mesma, seria mais divertido e conseqüentemente eficaz se escrevêssemos umas nas outras, devindo, simultaneamente, escritas e escritoras. O fato de termos tomado essas decisões todas puramente por prazer pode fazer parecer que nossos motivos foram fracos ou levianos, porém, é preciso lembrar que estamos pensando tendo a bruxaria como parceira e que nesse sistema de pensamento, de acordo com *The Charge of the Goddess*, compilado por Doreen Valiente, *all acts of love and pleasure are My rituals*⁹ (apud. STARHAWK, 1999, p. 103), ou seja, o prazer aqui é sagrado e capaz de reativar a Deusa nas participantes. Levando em conta ainda o que Audre Lorde (1984) e Adrienne Rich (2003) dizem das relações entre a sociedade opressora e o prazer das mulheres, tema sobre o qual discorreremos a seguir, estas escolhas têm ainda um sentido francamente político.

Sobre a escolha da pele como suporte para a escrita, há ainda algo a ser dito. Neste trabalho, entendo como corpo o meio em que trocamos afetos com o que está ao nosso redor, seja pelos sentidos, por intuições ou ações. Aquele lugar em que ocorrem tanto os *bons* quanto os *maus encontros* (STENGERS, 2008). No caso das mulheres e das escritas, os pontos de contato mais mobilizados na experimentação desses afetos tendem a ser as partes dos nossos corpos que se expressam como superfícies: pele e papel. Essas superfícies guardam nossas memórias, as informações a respeito de como tocamos e somos tocadas. Conseqüentemente, guardam nossos prazeres e nossas feridas. Dessa perspectiva, pele e papel não são nem um pouco rasos – eles sequer se opõem a uma ideia de profundidade. Concordo aqui com o devir ilha do qual Robinson Crusóé foi tomado:

Estranha prevenção essa que valoriza cegamente a profundidade à custa da superfície e que faz com que “superficial” signifique não “de vasta dimensão”, mas “de pouca profundidade”, enquanto “profundo” significa, pelo contrário, “de grande profundidade” e não “de fraca superfície”. E, no entanto, um sentimento como o amor mede-se bem melhor – se é que pode ser medido – pela importância de sua superfície do que pelo seu grau de profundidade. Pois eu meço o meu amor por uma mulher pelo fato de que amo igualmente suas mãos, os seus olhos, seu modo de andar, as roupas que usa, seus objetos familiares, aqueles que sua mão aflorou, as paisagens onde a vi evoluir, o mar

⁹ Do Mandamento da Deusa: “todos os atos de amor e prazer são Meus rituais”. Este texto existe oralmente em diversas versões e é bastante tradicional entre as bruxas. Uma das versões mais famosas foi a compilada pela bruxa Doreen Valiente, disponível em <http://www.doreenvaliente.com/Doreen-Valiente-Doreen_Valiente_Poetry-11.php> e reescrita por Starhawk na obra referenciada. Acesso em: 24 jun. 2020.

onde se banhou... Tudo isso é bem superfície, parece-me! Enquanto um sentimento medíocre visa diretamente, em profundidade, o próprio sexo e deixa todo o resto em uma penumbra indiferente. (TOURNIER, 1985, p. 60-61, grifo do autor)

Como aqui o caso será justamente da medida do amor entre mulheres e esse devir ilha parece ter ideias muito semelhantes às da própria poesia de Safo – que também viveu numa íntima relação com a ilha que lhe empresta o nome, Lesbos – entendo que pele e papel têm as qualidades necessárias para que os corpos das mulheres e dos poemas envolvidos sejam reativados por inteiro.

Pelo meio da pele e do papel, de novo, outra vez, agora, Eros trespassa escritas e escritoras e Afrodite vem urdir suas tramas de tal maneira que já não seja possível separar os papéis de amada e amante, poeta e poema, feiticeiras e enfeitiçadas.



Imagem 2. Entre nós. Fotógrafa: Tatiana Plens.

3. Afetos entre mulheres: as paixões inapropriadas à dominação

Retomando Rancière, o desafio que ele lança aos artistas que estejam interessados nas relações entre arte e política é o seguinte:

Pues para los dominados la cuestión no ha sido nunca tomar conciencia de los mecanismos de la dominación, sino hacerse un cuerpo consagrado a otra cosa que no sea la dominación. No se trata (...) de adquirir un conocimiento de la situación sino “pasiones” que sean inapropiadas para esa situación. (RANCIÈRE, 2010, p. 64)

Mas que paixões seriam estas?

De acordo com a poeta e feminista Adrienne Rich (2003), vivemos em um mundo em que as mais variadas formas de opressão e dominação se servem de um funcionamento comum

em que as mulheres (e tudo o que é identificado com elas, como a natureza, por exemplo) são continuamente exploradas e subjugadas pelos homens (e por tudo o que é identificado com o masculino, como o mercado, por exemplo). A este funcionamento, a autora chama de heterossexualidade compulsória: a imposição da crença de que as mulheres estão no mundo com o único objetivo de servir aos homens e que apenas através dos homens podem ter algum valor e alcançar o amor, a satisfação dos seus desejos, um lugar (ainda que diminuto) na sociedade. A principal fantasia na qual se sustenta essa perversão é a de que uma mulher só se torna completa e feliz quando se casa com um homem e tem filhos com ele. Esta fantasia é constantemente forçada para o corpo das meninas e mulheres por diversos meios que vão de contos de fada a leis, passando por imposições subliminares de comportamentos e de usos do corpo, como se fosse uma verdade absoluta e inquestionável.

Neste contexto, Rich propõe que os atos de uma mulher amar, cuidar, apoiar e ter prazer com outras mulheres são potencialmente revolucionários e, logo, identificados como extremamente perigosos pela sociedade opressora, que busca a todo custo evitar que as mulheres descubram que podem viver (e bem) de outra maneira que não seja servindo aos homens. Segundo ela, todos estes atos que vão desde a aliança entre mulheres para o enfrentamento das questões cotidianas até às relações íntimas homoafetivas podem ser entendidos dentro do que ela chama de *lesbian continuum* e teriam o poder de ajudar as mulheres a reativar o que Audre Lorde chama de poder do erótico (LORDE, 1984) nas nossas vidas:

The erotic is a resource within each of us that lies in a deeply female and spiritual plane, firmly rooted in the power of our unexpressed or unrecognized feeling. In order to perpetuate itself, every oppression must corrupt or distort those various sources of power within the culture of the oppressed that can provide energy for change. For women, this has meant a suppression of the erotic as a considered source of power and information within our lives. (...) [We] have come to distrust that power which rises from our deepest and non-rational knowledge. We have been warned against it all our lives by the male world (...). But the erotic offers a well of replenishing and provocative force to the woman who does not fear its revelation, nor succumb to the belief that sensation is enough. (LORDE, 1984, p. 53-54).¹⁰

¹⁰ “O erótico é um recurso dentro de cada uma de nós que se encontra em um plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não expressos ou não reconhecidos. Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer as várias fontes de poder dentro da cultura dos oprimidos que podem fornecer energia para a mudança. Para as mulheres, isso significou uma supressão do erótico como uma considerável fonte de poder e informação em nossas vidas. (...) [Nós] chegamos a desconfiar do poder que surge do nosso conhecimento mais profundo e não racional. Nós fomos advertidas contra isso por toda a vida pelo mundo masculino (...). Mas o erótico oferece uma fonte de força repositora e provocante à mulher que não teme sua revelação, nem sucumbe à crença de que a sensação é suficiente.”

Curiosamente, no único poema de Safo que chegou até nós sem lacunas o que o eu lírico faz é exatamente se declarar como uma mulher que invoca Afrodite, deusa do amor, para ajudá-la a conquistar outra mulher pela qual está apaixonada. *De novo. Outra vez. Agora.*¹¹ Ao que Afrodite, feita novamente presente através da memória da suplicante responde:

(...) Quem, de novo, a Persuasiva
deve convencer para o seu amor? Quem,
ó Psappa, te contraria?

Pois ela, que foge, em breve te seguirá;
ela que os recusa, presentes vai fazer;
ela que não te ama, vai te amar em breve,
embora não querendo.¹²

(SAFO DE LESBOS, trad. BRASIL FONTES, 2003, p. 377)

Este ato de se declarar uma mulher que ama outra mulher no poema, que volta a aparecer em outros fragmentos desta poeta, tem colocado a poesia de Safo no centro de inúmeras disputas acadêmicas. Para o ritual em questão, porém, não se trata de entrar nestas disputas para dizer se a mulher Safo amava *realmente* (STENGERS, 2017) outras mulheres, mas sim de testar a eficácia do ato em si, ou seja, a eficácia de dizer, no poema, como mulher, do amor por outras mulheres.

No capítulo V de seu ensaio *A room of one's own* (2007), Virginia Woolf fabula sobre quão diferente poderia ser a literatura se acontecesse mais vezes na ficção de uma mulher gostar de outra mulher. De acordo com ela, um novo mundo completamente desconhecido se abre quando se lê que “*Chloe liked Olivia...*” e aponta que *Sometimes women do like women*. (WOOLF, 2007, p. 613). É esta a eficácia que o ritual em questão quer experimentar.

Conclusão: apenas mais uma versão dos afetos entre mulheres que amam mulheres

¹¹ Safo usa todas estas expressões no poema, o que confere ao pedido, simultaneamente, um caráter de repetição (tanto o eu lírico quanto a própria Afrodite deixam claro nos versos que não é a primeira vez que Safo clama à deusa que a ajude a conquistar a amada) e de urgência (quem sofre de amor tem pressa), como aponta Brasil Fontes (2003).

¹² Para os gregos, a paixão era um dom divino e o ato de amar era algo completamente irracional e independente de uma vontade consciente, ou seja, de qualquer querer. Uma pessoa (e igualmente um animal ou uma divindade) tocada pelo poder de Afrodite, simplesmente ama, *embora não querendo* (BRASIL FONTES, 2003). Não se trata, pois, de uma questão do domínio do que hoje se entende na magia como livre arbítrio. A quem está tomada pela paixão, resta apenas apelar à deusa do amor para que seja correspondida.

Assim, invocarei aqui um poema da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen que foi corporreativado no ritual realizado durante o 6º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura – EDICC 6. Nele, a poeta contempla o prazer de outras mulheres, que estão juntas desfrutando das delícias de uma praia:

Mulheres à beira-bar

Confundindo os seus cabelos com os cabelos do vento, têm o corpo feliz de ser tão seu e tão denso em plena liberdade.
Lançam os braços pela praia fora e a brancura dos seus pulsos penetra nas espumas.
Passam aves de asas agudas e a curva dos seus olhos prolonga o interminável rastro no céu branco.
Com a boca colada ao horizonte aspiram longamente a virgindade de um mundo que nasceu.
O extremo dos seus dedos toca o cimo de delícia e vertigem onde o ar acaba e começa.
E aos seus ombros cola-se uma alga, feliz de ser tão verde.
(ANDRESEN, 2015, p. 229)

Este trabalho não foi feito para ter uma conclusão, nem outro fim que não o de promover um espaço em que mulheres e escritas se encontrem, se toquem e se transformem, reativando o canto sagrado da Deusa da transformação:

She changes everything She touches, and
Everything She touches, changes. [Repeat – chant]
Change is, touch is; Touch is, change is.
Change us! Touch us! Touch us! Change us!
(STARHAWK, 1999, p. 115)

De acordo com Isabelle Stengers (2017), este refrão carrega em si a potência dos agenciamentos, pois é impossível determinar se a mudança pertence à Deusa ou a aquilo que é tocado – a mudança pertence ao próprio ato de tocar e se deixar tocar. Ao encontro.



Imagem 3. Entre nós. Fotografia: Tatiana Plens.

Cada uma das mulheres que já participou como bruxa dos rituais de corporreativação teve uma percepção muito particular dos efeitos do trabalho mágico e expressou essa percepção como quis: criando novos poemas, rindo, chorando, abraçando e agradecendo às bruxas parceiras, aplaudindo. As que participaram mais de uma vez perceberam coisas diferentes a cada nova experimentação. As únicas constantes têm sido que, para todas, o ritual tem sido sempre um ato de cuidado e prazer, do qual sentem que podem participar em perfeito amor e perfeita confiança (STARHAWK, 1999) e do qual sentem que saíram um pouco mais saudáveis e felizes.

Além disso, a cada novo ritual, mais mulheres saem (re)conhecedoras da existência do trabalho de pelo menos uma mulher poeta e, uma vez que até hoje a maioria das participantes preferiu seguir suas atividades após o encontro sem apagar da pele as marcas dele (foram apenas duas exceções até agora) e estas marcas costumam sobreviver a um ou dois banhos, tivemos relatos interessantes de várias delas que acabaram divulgando de forma voluntária e entusiasmada o trabalho da poeta que carregaram consigo para as pessoas que vieram lhes indagar o que eram aquelas palavras.

Entendo que estes rituais de corporreativação têm conseguido se tornar realizações experimentais nas quais a eficácia da potência erótica entre mulheres tem se manifestado e atuado favoravelmente nas três instâncias focadas nestes rituais, por herança da tradição *Reclaiming*: na cura das envolvidas pela redescoberta de outros modos de tocar e de ser tocadas por outras mulheres, na reativação mágica dos poemas invocados que se proliferam e na criação de uma ação política pela consagração, ainda que temporária, dos corpos de mulheres e escritas a paixões inapropriadas à dominação.

Referências

ALMEIDA, Gláucia; HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Revista Gênero*, v. 9, n. 1, p. 225-249, 2008.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra Poética*. Porto: Porto Editora, 2015.

BRASIL FONTES, Joaquim. *Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.

DEJEAN, Joan. *Fictions of Sappho, 1546-1937*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1989.

DESPRET, Vinciane; STENGERS, Isabelle; BALIBAR, Françoise; BENSUAUDE-VINCENT, Bernadette; BOUQUIAUX, Laurence; CHOLLET, Barbara Cassin Mona; HACHE, Emilie; SIRONI, Françoise; STROOBANTS, Marcelle; ZITOUNI, Benedikte; KNUTSON, April. *Women who make a fuss: the unfaithful daughters of Virginia Woolf*. Minneapolis, EUA: Univocal Publishing, 2014.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: Coletivo Sycorax, São Paulo: Editora Elefante, 2017.

HORTA, Maria Teresa. *Anjos mulheres*. 1983. Disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

LORDE, Audre. *Uses of the erotic: the erotic as power*. In: LORDE, Audre. *Sister outsider*. Berkeley: The Crossing Press, 1984. p. 53-59.

RANCIÈRE, Jacques. *El espectador emancipado*. Buenos Aires: Manantial, 2010.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Journal of Women's History*, v. 15, n. 3, p. 11-48, 2003.

STARHAWK. *The spiral dance: a rebirth of the ancient religion of the Great Goddess*. 3. ed. Nova Iorque: HarperCollins, 1999.

STENGERS, Isabelle. Experimenting with refrains: subjectivity and the challenge of escaping modern dualism. *Subjectivity*, v. 22, p. 38-59, 2008.

_____. Reativar o animismo. *Caderno de Leituras*, n.62, p. 1-15, 2017.

TOURNIER, Michel. *Sexta-feira ou Os limbos do Pacífico*. Tradução: Fernanda Botelho. São Paulo: DIFEL, 1985.

WOOLF, Virginia. *A room of one's own*. In: WOOLF, Virginia. *Selected works of Virginia Woolf*. Hertfordshire: Wordsworth Editions Limited, 2007.